

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (SEAD)
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – EAD**

ALEXSANDRA ALVES DE SOUZA
MAÍRA DOS SANTOS SILVA
JOSEMARIO GONÇALVES DA SILVA

**O OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE OS MARCOS HISTÓRICOS DE LUTA NO
VALE DO SALITRE – JUAZEIRO-BA**

PETROLINA

2018

ALEXSANDRA ALVES DE SOUZA
MAÍRA DOS SANTOS SILVA
JOSEMARIO GONÇALVES DA SILVA

**O OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE OS MARCOS HISTÓRICOS DE LUTA NO
VALE DO SALITRE – JUAZEIRO-BA**

Artigo Científico apresentado ao curso de graduação Licenciatura em Pedagogia Ead, da Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF), como requisitado parcial da disciplina TCC, do professor Mário Godoy.

Orientadora: Prof^a Ms. Abimailde Cavalcanti
Fonseca Ribeiro

PETROLINA

2018

O OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE OS MARCOS HISTÓRICOS DE LUTA NO VALE DO SALITRE – JUAZEIRO-BA

Alexsandra Alves de Souza

Alexsandra.educ@gmail.com

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia Ead
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Josemario Gonçalves da Silva

josemariogoiabeira@hotmail.com

Graduando em Licenciatura em Pedagogia Ead
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Maíra dos Santos Silva

maira.silsantos@gmail.com

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia Ead
Universidade Federal do Vale do São Francisco

RESUMO

Este estudo analisou as lutas enfrentadas pela população do Vale do Salitre ao longo da história, ao mesmo tempo em que trouxe uma reflexão acerca do modelo de desenvolvimento instalado na região do Salitre, localizado no distrito de Juazeiro-BA, trecho que fica às margens do Rio Salitre, afluente do Rio São Francisco, desde o período colonial sobre a expansão irrigada e suas consequências nos moldes atuais, levando em consideração as questões ambientais, culturais e econômicas. Assim, teve como objetivo compreender os marcos históricos de luta do Vale do Salitre desde o período colonial até a expansão das áreas irrigadas. Como objetivos específicos: Aprofundar os conhecimentos acerca do contexto histórico do Vale do Salitre; refletir sobre os impactos dos conflitos históricos levando em consideração as questões socioculturais, ambientais e econômicas; evidenciar as transformações no modo de vida da população e sua relação com a expansão da irrigação e analisar o papel de atuação do pedagogo enquanto mediador dos sujeitos no processo de construção do conhecimento acerca dos marcos históricos de luta pela água e pela terra. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo na abordagem das informações, com base nas leituras de Freire (2010), Libâneo (1998), Lopes (2012), Martins (2000), Silva (2010 e 2013) entre outros, utilizando-se de livros, artigos e registros que auxiliaram a pesquisa. A análise comparada tem por objetivo comparar fenômeno semelhantes. Identificamos nas discussões presentes na maioria dos trabalhos que esses fatores levaram a

necessidade de contextualizar esses fatos históricos recorrentes no vale. Nesse sentido trouxe a percepção clara acerca das problemáticas vivenciadas na atualidade, tendo em vista que tudo isso é continuidade de um modelo desde os primórdios.

Palavras-chave: Salitre. Rio. Resistência. Ação. Reflexão

ABSTRACT

This study analyzed the struggles faced by the population of the Salitre Valley throughout history, at the same time as it brought a reflection about the development model installed in the Salitre region, located in the district of Juazeiro-BA, a stretch that is on the banks of the Rio Salitre, a tributary of the São Francisco River, from the colonial period on the irrigated expansion and its consequences in the current molds, taking into account environmental, cultural and economic issues. The objective of this study was to understand the historical landmarks of the Salitre Valley from the colonial period to the expansion of irrigated areas. As specific objectives: To deepen the knowledge about the historical context of the Salitre Valley; Reflect on the impacts of historical conflicts taking into account socio-cultural, environmental and economic issues; Evidence of the transformations in the way of life of the population and their relationship with the expansion of irrigation and analyze the role of the pedagogue as mediator of the subjects in the process of building knowledge about the historical landmarks of struggle for water and land. The methodology used was a bibliographical review, qualitative in the approach of the information, based on the readings of Freire (2010), Libâneo (1998), Lopes (2012), Martins (2000), Silva (2010 and 2013) using books, articles and records that aided the research. The comparative analysis aims to compare similar phenomena. We identified in the discussions present in most of the studies that these factors led to the need to contextualize these recurring historical facts in the valley. In this sense, it has brought a clear perception about the problems experienced today, considering that all this is continuity of a model from the beginning.

Keywords: Salitre. River. Resistance. Action. Reflection

Introdução

O presente artigo versou sobre as lutas históricas enfrentadas pelos povos que vivem às margens da bacia do Rio Salitre que até a década de 80 era perene. Posteriormente, essa região ficou caracterizada pelos altos índices de pobreza e pela escassez de água por causa da expansão da agricultura irrigada (revolução verde), assim como suas consequências nos moldes atuais, levando em consideração as questões ambientais, culturais e econômicas que se fazem presentes no espaço geográfico do Vale do Salitre.

De acordo com Silva (2013) em sua dissertação intitulada *Da passadeira ao canal de concreto: a agricultura e as mudanças no modo de vida da população do Vale do Salitre – Juazeiro-BA,*

os conflitos continuaram por diversas gerações na perspectiva do domínio de diversos recursos naturais encontrados na região contidas nas áreas de sequeiro e às margens do rio.

Isso resultou principalmente na transformação da realidade até então inerente aos povos nativos, o que possibilitou às gerações que se sucederam continuarem a protagonizar diversos outros conflitos tendo como base a disputa pelo poder a partir do domínio dos diversos recursos naturais encontrados na região que mescla a semiaridez das áreas de Caatinga com a fertilidade das beiras de rios. (SILVA, 2013)

Nessa perspectiva, podemos notar na fala da autora que essa região sempre foi palco de significativos conflitos por causa da água e por terra, como resultado da degradação ambiental e cultural. Ademais a convivência com esses problemas foi gerada a partir da degradação do rio, fruto da inexistência de políticas públicas ou ações direcionadas para a região, inclusive no que diz respeito às lutas das comunidades pela transformação da atual realidade. Diante desse entendimento, questionamos: Qual a contribuição do pedagogo na reflexão sobre o período colonial e a expansão da irrigação (revolução verde) e suas interferências na vida do povo?

Esses questionamentos foram de encontro aos estudos de vários autores no campo da educação que abordaram sobre a temática. Dentre eles: Freire (2010), Libâneo (1998), Lopes (2012), Martins (2000), Silva (2010 e 2013) entre outros, que foram utilizados na fundamentação teórica deste artigo.

Foi estabelecido como hipótese que uma das maiores contribuições do profissional de pedagogia é a reflexão acerca da invasão desse território como a imposição de culturas e costumes diferentes, do mesmo modo que veio a revolução verde trazendo a expansão da irrigação com a finalidade de impulsionar uma atividade já existente pelos ribeirinhos nativos em outra ótica, sem dialogar com os bens naturais existentes a ponto de provocar seu estrangulamento, ocasionando consequências drásticas na vida da população.

A opção pelo tema deu-se pela possibilidade de compreendermos sobre os impactos existentes no modo de vida da população salitreira, oriundos de um passado de imposição que nos remete a negatividade e que até hoje é recorrente. Nesse sentido, escolhemos o assunto pelo fato de sermos militantes da educação popular e futuros pedagogos, atuando diretamente em escolas do campo e por conhecer parte das mudanças vividas pelos povos ribeirinhos que presenciaram um período em que as águas da bacia deixaram de ser o principal meio de sobrevivência daquela região em que se encontra o Vale.

O presente trabalho teve como objetivo geral: compreender os marcos históricos de luta do Vale do Salitre no período colonial e na revolução verde e seus reflexos na atualidade. Como objetivos específicos: aprofundar os conhecimentos acerca do contexto histórico do Vale do Salitre; refletir sobre os impactos dos conflitos históricos levando em consideração as questões socioculturais, ambientais e econômicas e evidenciar as transformações no modo de vida da população e sua relação com a expansão da irrigação e analisar o papel de atuação do pedagogo enquanto mediador dos sujeitos no processo de construção do conhecimento acerca dos marcos históricos de luta pela água e pela terra.

O estudo visa contribuir para com educadores das diversas áreas de ensino, para que possam refletir sobre os marcos históricos da região do Vale do Salitre.

Metodologia

O Vale do Salitre localiza-se no Junco, distrito do município de Juazeiro-Bahia. Essa região compreende um dos 09 (nove) distritos da cidade e envolve desde as comunidades de Passagem do Sargento (na divisa com Campo Formoso) até a Boca da Barra, localidades situadas às margens de um trecho da bacia do Rio Salitre, considerado um dos mais importantes afluentes do rio São Francisco, que nasce em Morro do Chapéu e deságua em Juazeiro, percorrendo nove municípios. Nesse espaço geográfico encontram-se as sub-regiões denominadas de bacia do alto, médio e baixo Salitre. (UFBA, 2001)

A escolha do tema proposto procedeu de estudo, pesquisa e análise acerca do assunto apresentado, assim como da leitura de diversas produções de vários estudiosos que dedicaram suas ideias a respeito do Vale do Salitre, buscando possíveis respostas para a problemática apresentada.

A abordagem metodológica foi desenvolvida através de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, com base no levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos sobre o assunto, que permitiram aos pesquisadores conhecerem o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002)

É importante salientar que por meio dessa pesquisa, os pesquisadores procuram explicar e

discutir um tema buscando também conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado assunto. Segundo Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa bibliográfica está relacionada a toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema em estudo e seu objetivo é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito e publicado sobre determinado assunto.

O estudo de natureza qualitativo possibilitou um aprofundamento significativo a partir da leitura, reflexão acerca dos fatos históricos da região do Salitre. Sobre o assunto, Gil (2008) assinala que a análise dos dados é de natureza qualitativa.

Em relação à pesquisa qualitativa, Gil (2008) ainda esclarece que:

Vale-se de procedimentos de coleta de dados os mais variados, o processo de análise e interpretação pode, naturalmente, envolver diferentes modelos de análise. Todavia, é natural admitir que a análise dos dados seja de natureza predominantemente qualitativa. (GIL, 2008).

Portanto, esse tipo de pesquisa leva-nos a busca incessante por material e, em consequência disso, contribui para a aquisição de mais conhecimento sobre os assuntos abordados.

Processo de ocupação do Vale do Salitre

É possível voltarmos ao passado ou nos acontecimentos históricos e constatar com base em documentos estudados que os povos originários do Vale do Salitre eram da tribo Cariri, nações indígenas que povoaram o Brasil e que tinham o seu modo de vida próprios adaptados as condições do clima. Eles se alimentavam da caça, pesca e coleta de frutas. Há registros da presença deles desde a região de Serra do Mulato até as margens dos rios Salitre e São Francisco. (LOPES, 1997)

Nesse entendimento, com a expansão do gado do litoral para o sertão, os colonizadores fixaram-se na foz do Rio Salitre, precisamente na comunidade de Sabiá e tiveram contato com o nosso povo em 01 de junho de 1676. Esse momento foi registrado como a derrota dos cariris no Vale do Salitre. Eram cerca de 500 pessoas em que os homens foram assassinados e as crianças e mulheres foram escravizadas.

Os índios Cariris [...] enfrentaram os colonizadores. Fizeram do vale do Rio Salitre o marco maior de sua resistência. Ele que era o oásis, o refúgio no refúgio do São Francisco, o símbolo da vida na caatinga, uma referência para todos pelas bandas desta terra, era também o sinal de vitalidade e de amor próprio de um povo. Seus defensores não tiveram nem data de morte e nem tumba. Estão até hoje expostos ao tempo. Sem

serem invisíveis, ninguém os vê, ninguém os ouve e seus gemidos ainda retumbam do longínquo da história. (LOPES, 1997)

Atualmente algumas comunidades têm nomes indígenas como Sabiá, Tapuia, Ocrem, Tapera, Aldeia, como também há várias palavras do vocabulário do nosso povo e possuem pinturas deixadas como recordações e formas de expressão, de comunicação em sua arte. Após esse período ocorreu a miscigenação dos povos e a introdução de novas culturas. Eles deixaram de ser nômades e tornaram-se sedentários e consigo chegaram a descoberta da agricultura às margens do rio e nas capoeiras próximas as serras. Lá cultivavam a melancia, a abóbora, o feijão, a mandioca e a cana de açúcar. Foram instalados vários engenhos para fabricação de rapadura, casa de farinha etc.

Vale salientar que várias comunidades do Salitre eram remanescentes de quilombos. Hoje existem duas comunidades. São elas: Alagadiço e Rodeadouro, reconhecidas como comunidades tradicionais pela Secretaria da Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI).

Destaca-se também a comunidade de Pó Preto (hoje Pau preto), cujo nome surgiu devido à subida de um pó preto no momento da execução de danças e rituais da época. Nessa comunidade até pouco tempo havia na casa dos senhores um engenho e um tronco que serviam para bater nos escravizados.

Após a colonização, o Vale do Salitre foi habitado por pequenos agricultores que sobreviviam das pequenas irrigações de vazantes e criação de animais sustentados pelo rio, como o seu único manancial perene do município e importante afluente do rio São Francisco.

Além disso, com a modernização e expansão da irrigação essa população mais uma vez sofreu com a mudança de atividade econômica e passou a conviver com vários conflitos na região.

Conflitos no Vale do Salitre

Em 1984, na comunidade de Campo dos Cavalos no Vale do Salitre ocorreu o conflito por água

para irrigação que ocasionou a morte de empresários, devido ao fato de que estava ocorrendo a suspensão da energia elétrica para desligamento das bombas, meio utilizado pelos pequenos irrigantes para a chegada do líquido que era sugada pelos grandes equipamentos rio acima. De acordo com os estudos de Almacks (2018),

A história se repete, e em 07 de fevereiro de 1984 na comunidade de Campos dos Cavalos, exultório do Rio Salitre no município de Juazeiro, duas vidas foram ceifadas pelo conflito da água no baixo Salitre. De lá para cá pouco foi feito por este povo. O conflito pelo uso da água continua porque o solo da região do Salitre é um solo originário do granito e calcário, com excelente permeabilidade, indicado para atividades agrícolas e pecuárias e especialmente à criação de caprinos. Próximo ao leito do rio e na sua foz o solo é do tipo Bruno não cálcico, possui alta fertilidade natural e é indicado para irrigações. As áreas aluvionares da bacia vêm sendo exploradas desde longa data com agricultura irrigada e com o grande aumento da demanda para fins agrícolas, o que agravou a escassez de água no rio, principalmente no seu trecho final, próximo à cidade de Juazeiro. (SILVA, 2018)

Reforçando esse pensamento, como esclarece o autor, percebeu-se que a modernização das práticas agrícolas trouxe para a região do Vale do Salitre novas formas de irrigação. Isso atraiu à atenção de muitos empresários que ocupavam projetos privados de cultura de cebola, melão, tomate etc. Esta ação acentuou-se mais ainda com a chegada da eletrificação rural, conforme divulgou o Jornal Caminhar Juntos, publicado em 1984.

Assim com a chegada da eletrificação aumentou-se a potência das bombas e conseqüentemente cresceu a retirada de água. O rio é um bem público que estava sendo consumido por meia dúzia de empresários, privando as comunidades de terem o líquido para uso animal e doméstico, provocando o êxodo rural e, após o esgotamento desses bens naturais, os empresários deixaram suas propriedades desativadas e os nativos das comunidades ficaram com um passivo ambiental limitando seu modo de vida praticado historicamente.

Entretanto, as informações da Lei das águas nº 9.433/97 em seu artigo 1º traz os seguintes fundamentos:

- a água é um bem de domínio público;
- a água é um recurso natural limitado, dotado de valor econômico;
- em situações de escassez, o uso prioritário dos recursos hídricos é o consumo humano e a dessedentação de animais;
- a gestão dos recursos hídricos deve sempre proporcionar o uso múltiplo das águas;
- a bacia hidrográfica é a unidade territorial para implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos;
- a gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades.

No início da década de 80, a população começou a juntar-se em grupos de base vendo a necessidade de discutir e refletir os problemas enfrentados como também ampliar a formação e a necessidade de fundação das associações. Entre elas estava a Associação Comunitária e Agrícola do Médio Salitre localizada na comunidade de Alfavaca. Nesse período o vale já despontava como um polo econômico de produção agrícola e sinalizava a necessidade de implantação de grandes projetos. Dentre eles o Projeto Salitrão, amplamente discutido como uma possível solução dos problemas de água do Vale do Salitre.

Nesse período, a lei de irrigação priorizava para aquisição dos lotes a contemplação dos nativos como futuros irrigantes ou colonos. Contudo, após a implantação do perímetro Salitre, inaugurado em 2010, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com total de 255 lotes para pequenos agricultores, apenas 11 famílias do vale foram contempladas em decorrência da mudança da lei de irrigação que abriu licitação para todo o território nacional, trazendo imensos transtornos para a população nativa ribeirinha, que almejava realizar um sonho construído há décadas.

A obra, avaliada em R\$ 900 milhões, segundo dados divulgados pela Agência Brasil, visa a ampliação do agronegócio na região, prática consolidada no Vale do São Francisco por meio da implantação de outros projetos de irrigação. Tais projetos, através do cultivo de monoculturas, têm gerado sérios impactos, como a super exploração da mão-de-obra dos trabalhadores e as agressões ao meio ambiente, o que contribui, de forma direta, para a reprodução das desigualdades sociais, bem como para o aumento do uso utilitarista que o ser humano tem feito dos bens naturais. (SILVA, 2010)

Diante desse contexto, os dois momentos vividos pelos salitreiros foram impostos sem dialogar com a capacidade de suporte dos recursos naturais existentes nessa região. Nesse contexto, esse modelo de desenvolvimento atualmente tem trazido vários problemas e consequências para as comunidades tradicionais que são vítimas e iludidas apenas pelo véis econômico se compararmos aos prejuízos que comprometem várias gerações.

O olhar pedagógico sobre o Vale do Salitre e os marcos históricos de luta

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96 LDB) em seu artigo 1º destaca que a educação desenvolve-se na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Nesse sentido, acreditamos que pensar à educação vai além dos muros da escola enquanto espaço restrito de troca de saberes e conhecimento.

Oliveira (2017?) em seu artigo sobre a educação popular, afirma que:

A educação tem papel fundamental na organização da sociedade, pode reformá-la, ordená-la, revolucioná-la, por isso não existe só uma forma ou um único modelo de educação. A educação é uma construção coletiva na qual as pessoas são protagonistas da nova ordem que deseja. (OLIVEIRA, 2017?)

A mesma autora analisa a educação como uma construção coletiva que impulsiona e nasce nos espaços histórico-culturais da sociedade, capaz de ultrapassar as fronteiras da descoberta de novos significados acerca da existência do sujeito. Assim, é relevante compreendermos que a educação contribui para a formação de uma nova consciência no sentido de promover mudanças de atitudes com relação à maneira de pensar e de agir dentro e fora da escola formal.

Reis (2004) nesse cenário, aponta que educação está relacionada a condução das pessoas, levando-as para fora de onde estão. Sendo assim, acreditamos que a educação está vinculada a vida concreta das comunidades à medida em que possibilita à troca de saberes e significações humanas. Isto é relevante para a produção de novos saberes.

A obra de Libâneo (2001) que trabalha no viés do papel do educador traz um aspecto importante para o nosso estudo a partir do questionamento abaixo:

Quem, então, pode ser chamado de pedagogo? O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista o objetivo de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 2001).

A literatura reforça que o pedagogo é a figura mediadora do diálogo entre os sujeitos no processo de construção do conhecimento. Dessa forma entendemos que toda interação discursiva deve partir do contexto histórico de cada ator e atriz envolvidos no processo de aprendizagem.

Nesse estudo, há de se ressaltar que o modo de atuação do pedagogo sobre os marcos históricos de luta ocorridos na região do Vale do Salitre surge a partir da perspectiva de que o educador é um mediador, pois ele consegue perceber que o conhecimento constrói-se de onde as pessoas estão e como elas estão. Libâneo (1994, p. 47) argumenta que, “A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade [...]”.

A afirmação do autor reforça o pensamento de que através da mediação o pedagogo em sua atividade profissional consegue enxergar os fatos de forma diferenciada, mesmo que seja de fora para dentro porque ele percebe o que tem de construção de conhecimento a partir dos próprios sujeitos que ali estão. Desse modo, cria-se um olhar pedagógico de quem ajuda na organização de um grupo e que consegue dialogar com os conflitos e as diversas formas de vida que existem naquele lugar.

Em se tratando do contexto histórico específico do Vale do Salitre, os processos de educação não podem ser negados à população, pois é necessário que se avalie o presente momento à luz do passado. Compreendendo em todos os aspectos os seguintes questionamentos:

- Quem foram os primeiros habitantes?
- Como eles viviam?
- Eles ainda moram no Salitre?
- O que levou a sua saída?
- Sua cultura predomina na região?
- O que mudou com a chegada dos colonizadores?
- As culturas iniciais permanecem?
- O modo de vida das pessoas continua a mesma?
- As modernizações ao longo da história contribuíram para melhoria das pessoas e para as comunidades?
- Quem é você nesse contexto histórico?

Levando em consideração o processo de compreensão sobre ação do sujeito no meio ao qual está inserido, cria-se uma interação do homem/sociedade, assim como a emancipação humana firmando-o em todo seu contexto. Dessa forma, constrói-se uma educação de forma participativa dialógica e problematizadora, direcionada a formação crítica dos sujeitos sociais, possibilitando uma reflexão sobre suas condições sociais, históricas e culturais, como forma de resgate das suas origens, bem como nas relações sociais existentes em cada morador buscando a construção de saberes sobre sua realidade.

Para Freire (2010),

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolivelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. (FREIRE, 2010)

Por meio da reflexão do ser estar no mundo apontado por Freire, o olhar do pedagogo deve contribuir para que os sujeitos ao perceberem sua função social, reflitam sobre sua ação e sobre o seu papel no mundo, transformando a realidade na qual eles estão inseridos.

Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexões e ação fora da relação do homem - realidade. Esta relação homem - realidade, homem - mundo, ao contrário do contexto animal com o mundo, como já afirmamos, implica a transformação do mundo, cujo produto por sua vez, condiciona ambos, ação e reflexão. É, portanto através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação - reflexão, com e também pode tê-las atrofiadas. Conforme se estabeleceram estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para pleno exercício da maneira humana de existir. (FREIRE, 2010, p. 8)

Outro aspecto relevante diz respeito à contextualização da educação que perpassa pela discussão do currículo, uma vez que ele pode possibilitar a formação humana na perspectiva de sua emancipação com toda sua bagagem adquirida e construída historicamente. Vale ressaltar a contribuição de Menezes e Araújo (2012) quando afirmam que,

Ao falar em contextualização, estamos falando em “identificação da ruptura”, ou seja, estamos rompendo com as grandes narrativas da ciência e da pedagogia moderna que são os princípios da formalidade abstrata e de universalidade, da concepção tradicional e colonizadora da educação, ao mesmo tempo reafirmando que a educação precisa fazer sentido na realidade das pessoas no lugar onde estão. (MENEZES; ARAÚJO, 2012)

Tais posições das autoras revelam que a contextualização vem na contramão das imposições e negações propostas historicamente. Essa construção permite desvendar os processos educativos com uma visão mais holística. Verifica-se ainda que,

Contextualizar, portanto, é esta operação mais complicada de descolonização. Será sempre tecer o movimento de uma rede que concentre o esforço em soerguer as questões “locais” e outras tantas questões silenciadas na narrativa oficial, ao status de “questões pertinentes” não por serem elas “locais” ou “marginais”, mas por serem elas “pertinentes” e por representarem a devolução da “voz” aos que a tiveram usurpada, roubada, negada historicamente. (MARTINS; LIMA, 2002)

Para os propósitos desse artigo, entende-se que o verdadeiro olhar do pedagogo enquanto profissional da educação é atuar em contextos e situações diversas daquele em que a prática

educativa acontece, desenvolvendo mudanças significativas na aprendizagem dos grupos sociais, para que cada morador reconheça-se como sujeito de sua própria história e através dela consiga adquirir competências para atuarem na comunidade em que vivem. (FRANCO; LIBÂNEO; PIMENTA, 2007, p. 89).

Portanto, o olhar do pedagogo sobre qualquer grupo social deve ser aquele que impulsiona os sujeitos a refletirem sobre o mundo que os cercam possibilitando-os a pensar sobre o seu papel nele.

Considerações Finais

Através de pesquisas e leitura de obras de alguns autores que trataram dos marcos históricos de luta enfrentada pela população do Vale do Salitre, buscamos uma compreensão significativa acerca da importância das contribuições do pedagogo frente a essas questões vivenciadas na região.

É essencial que as comunidades salitreiras conheçam sua história e se reconheçam como pertencentes de um legado histórico de acontecimentos que foram impostos pela invasão ocorrida nesse território, que ocasionou uma mudança no modo de vida da população ribeirinha com a imposição de atividades econômicas sem o devido diálogo com os bens naturais trazendo consequências drásticas para a região do Vale do Salitre.

Historicamente, sabemos que o homem é um ser social, pois ele se constitui na sua relação com o mundo. Pensar no ser humano é compreendê-lo em sua totalidade como um sujeito que se constitui na relação que mantém com o outro. Durante o desenvolvimento deste estudo, os discursos dos teóricos revelaram que o conhecimento histórico de cada indivíduo sempre existiu na sociedade. Isso se deu a partir das relações humanas, sociais, culturais, políticas, econômicas etc.

A pesquisa oportunizou a reflexão de que o pedagogo precisa atuar sobre essa diversidade de conhecimentos que surgem na comunidade, em diferentes contextos sociais, com mais propriedade buscando intermediar os saberes populares almejando a reflexão, análise e comparações com o presente através da realidade local de cada sujeito, como ponto de partida para o conhecimento.

O tema apresentado foi relevante para este estudo porque consideramos a história do Salitre rica em sua essência. Ela precisa ser valorizada e estudada, pois reflete a identidade de um povo. Além disso, a região do Salitre é considerada o vale da esperança, rico em bens naturais e responsável por impulsionar a economia local e regional no que diz respeito à produção de hortaliças, frutas e legumes.

É nesse âmbito que tal ponto remete-nos enquanto profissional de educação e futuros pedagogos a profunda reflexão na mediação dos diálogos entre os sujeitos sobre os contextos históricos de ocupação, modelo de desenvolvimento sem diálogo com os recursos naturais e os aspectos políticos social, cultural e econômico.

Portanto, através desse aprofundamento bibliográfico, espera-se que este artigo proporcione um conhecimento maior e sirva de fundamentação para o desenvolvimento de um trabalho de base, assim como para as escolas das comunidades poderem contextualizar as histórias aqui expostas porque muitas delas não conhecem os fatos históricos vividos pelo povo do Vale do Salitre.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.433/97**, de 08 de janeiro de 1997.

CAMINHAR JUNTOS – Jornal da Diocese de Juazeiro. 1984.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Elementos para a Formulação de Diretrizes Curriculares para Cursos de Pedagogia**. <http://www.scielo.br/pdf/0D/cp/v37n130/05.pdf>> Acesso em 20 de junho de 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **Opapa: formação histórica e social do Submédio São Francisco**. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

Lei de diretrizes e bases da educação nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, Josemar da Silva & LIMA, Aurilene Rodrigues. **Educação com o pé no chão do**

sertão. **Proposta Político Pedagógica para as escolas Municipais de Curaçá.** Curaçá. Bahia: Curaçá: IRPAA/PMC/UNICEF/Fundação Abrinq, 2002.

OLIVEIRA, Rosiane Rocha. **Educação popular – uma possibilidade de subversão.**

Disponível em:

<http://www.moodle2.univasf.edu.br/graduacaoead/pluginfile.php/16854/mod_resource/content/2/EDUCA%C3%87%C3%83O%20POPULAR%20TEXTO%20PROF.pdf > Acesso em 20 set. 2018.

REIS, Edmerson dos Santos. Entrelaçando os saberes para compreender a relação educação rural e desenvolvimento local sustentável. In: SÁ, Edna Maria Alencar de, et al. **Professor pesquisador e a construção de novos discursos.** Recife: EDUPE, 2004.

SILVA, Érica Daiane da Costa. **A comunicação e as lutas pela água no Vale do Salitre.** Juazeiro: 2010. 94 p. Monografia de graduação em Comunicação Social. Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

_____. **Da passadeira ao canal de concreto:** a agricultura e as mudanças no modo de vida da população do Vale do Salitre – Juazeiro-BA. Juazeiro: 2013. 61 p. Monografia de graduação em História. Universidade de Pernambuco – UPE.

SILVA, Luiz Almacks. **Bacia hidrográfica do rio Salitre, afluente do rio São Francisco.**

<http://issuu.com/aguasdobrasil/docs/revista_aguas_do_brasil_6 > Acesso em 20 jun. 2018.

UFBA. **Plano de gerenciamento dos recursos hídricos da bacia do Rio Salitre.** Disponível em: [http://www.grh.ufba.br/download/Rel%20Final%20Salitre-](http://www.grh.ufba.br/download/Rel%20Final%20Salitre-%20Res%20Executivo%20-%2025-02-2003.pdf)

[%20Res%20Executivo%20-%2025-02-2003.pdf](http://www.grh.ufba.br/download/Rel%20Final%20Salitre-%20Res%20Executivo%20-%2025-02-2003.pdf) Acesso em 20 jun. 2018